

HISTÓRIAS SOBRE A MORTE E O MORRER: UMA INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

João Jova Santos Gonzales (FAMMA - Faculdade Metropolitana de Maringá, Maringá –PR, Brasil), Kelly Cristina Puertas (FAMMA – Faculdade Metropolitana de Maringá, Maringá – PR/UNESP – Assis - SP, Brasil).

contato: joao_jsgonzales@yahoo.com.br

Na contemporaneidade, o morrer assumiu características distintas de outros períodos históricos. Neste trabalho, de cunho bibliográfico, abordar-se-á o tema da história da morte objetivando investigar, a partir de um referencial psicanalítico, os significados que se encontram submersos nas camadas inconscientes e que se expressam por meio das práticas fúnebres da história da humanidade. Nesse sentido foi necessário iniciar o estudo investigando quais os rituais fúnebres dos períodos da Pré-História, da Idade Antiga, da Idade Média, da Idade Moderna e da Idade Contemporânea. Observou-se nessa pesquisa que as práticas relacionadas à morte foram se modificando durante os períodos descritos. Ao estudar o período da Pré-História e Idade Antiga desvelou-se diversos tabus em relação à morte os quais tinham por objetivo afastar a morte da consciência; tais práticas conseguiram, em parte, obter êxito. Na Idade Antiga a maior parte das religiões foram instituídas, dando novo significado para a morte, por meio das crenças sobre a vida após a morte. Na Idade Média, as maiores modificações estão relacionadas ao destino do corpo, que antes era colocado o mais afastado possível das cidades e encoberto por pedras, enterrado ou guardado em grandes mausoléus. A partir do século VI, a Igreja Católica passou a reservar espaços no interior do prédio e nos arredores dos templos para armazenar os corpos. Por volta do século XII, com o surgimento dos primeiros conhecimentos sobre vigilância sanitária, a classe médica passou a criticar os costumes cristãos alegando que a presença dos corpos nas igrejas poderia trazer malefícios à saúde. A partir do século XV, essa prática começou a causar certo horror e a responsabilidade do corpo passou da Igreja para o Estado, a identidade do morto que antes era ignorada passou a ser lembrada através das esfinges e das placas funerárias colocadas nos túmulos. Na Idade Moderna, o sentimento do luto emergiu na consciência, tendo ligação com fatores reprimidos relacionados a morte, qual seja, a negação da morte pela via da manutenção da recordação do morto. A Idade Contemporânea é marcada pela institucionalização hospitalar da morte, mediada pelo avanço tecnológico/médico, pois ao se perceber que a morte se aproxima tenta-se prolongar a vida através de novos recursos médicos. A família contemporânea não suporta assistir a morte de uma pessoa amada em seu lar. No intuito de prolongar a vida e negar a morte, a família, por vezes, deixa o moribundo a espera pela morte sozinho em um leito de hospital, assistido por técnicos de saúde. Nesse novo ambiente, perde-se o envolvimento emocional com os familiares no último ciclo da vida. Este trabalho teve como objetivo compreender a atual relação do homem com a morte. Conclui-se a importância da presença do profissional psicanalista dentro das unidades de saúde, com vistas a interpretar os mecanismos de defesa que encontram-se presentes nas práticas de prolongar a vida e que, muitas vezes, deixam o paciente terminal restrito de pequenos prazeres como o convívio familiar nos seus últimos momentos. A partir deste estudo, pretende-se aprofundar o simbolismo da morte no fazer de profissionais paliativistas.

Palavras-chave: Morte. Civilização. Psicanálise.